

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

VAZANTE: UMA ANÁLISE FÍLMICA SOBRE O COTIDIANO NAS GRANDES FAZENDAS DURANTE O BRASIL COLÔNIA

Giovanna da Silva Alves Aleixo, Felipe Victor Lima.

Universidade do Vale do Paraíba/Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000- São José dos Campos-SP, Brasil, giovanna_aleixo229@outlook.com, felipe.victor@univap.br.

Resumo

O presente artigo tem por objetivo analisar o longa-metragem brasileiro “Vazante” (2017), como alegoria do cotidiano nas fazendas de engenho, tendo em vista que a produção retrata as dinâmicas sociais e econômicas no interior de uma propriedade rural decadente de Minas Gerais, em 1821. Esta pesquisa, metodologicamente, realiza uma revisão bibliográfica de cunho exploratório, que busca apontar os temas sócio-raciais acerca do processo de colonização brasileira através da interpretação dos atores sociais da trama. Para tanto, este estudo usou da abordagem cinematográfica como recurso representativo do imaginário histórico a respeito da miscigenação cultural entre escravizados negros e senhores brancos, e sobre a estrutura social formada dentro e fora do cenário colonial. Com base nas supostas relações desenvolvidas, busca-se compreender como estes valores reverberaram no decorrer dos séculos e construíram uma visão segregadora atual sobre a identidade brasileira, ciosa de um novo olhar, descolonizado.

Palavras-chave: Brasil Colônia. Cinema. Vazante.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas.

Introdução

O cinema é constantemente utilizado como ferramenta para a reprodução do pensar sobre o passado histórico, visto que toda produção cinematográfica, como objeto de seu tempo, baseia-se no meio social que vivencia. Esta reapresentação pode ser sustentada pela intenção do produtor, com seu ponto de vista e o alcance pretendido, de forma que haja uma absorção significativa pelo espectador. Para Ferro (1992), a função referente ao cinema pode se encontrar relacionada ao contrapoder político e ideológico promovidos por um Estado, atuando de maneira mais autônoma, porém não se desvinculando totalmente do seu momento na História, tendo como propósito uma causa (motivação), a visão de mundo e as ideias do cineasta. Assim, observa-se uma crescente demanda pelo olhar de uma minoria, apagada pela História, no reconto de sua versão; ou ainda, por uma reprodução que se apresente de forma mais fiel aos acontecimentos documentados.

Destarte, no cenário brasileiro, a concepção da identidade nacional é compreendida no interior de um processo histórico orientado pela política do país, a qual fundamentou-se por uma constituição simbólica, e portanto, mesmo que feita de múltiplas identidades contidas em diferentes grupos sociais, molda sua cultura conforme as relações de poder (ORTIZ, 1986). Por conseguinte, tem-se que as produções culturais relativas à realidade social e racial no Brasil foram condicionadas a uma perspectiva que considerava estes aspectos conforme o olhar do branco sobre o reconhecimento do negro e do indígena como parte da sociedade brasileira, e que dificilmente rompiam com os estereótipos atribuídos à parcela negra e mestiça da população, bem como com a ideologia oficial de miscigenação, consagrada à partir da década de 1930.

Deste modo, esta pesquisa justifica-se pelo desmonte das estruturas sociais presentes no enredo da obra “Vazante” (2017), combinadas com a interpretação de seus atores sociais acerca dos temas raciais representados frente aos acontecimentos rotineiros de uma grande fazenda em decadência, em fins do período colonial brasileiro, no século XIX. A exploração dos simbolismos da cinegrafia neste estudo se propôs a assimilar as questões sobre a “mestiçagem” na história nacional, e o modo

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

como a reinterpretação popular difundiu um pensamento coletivo a respeito da continuação em seu imaginário.

Portanto, este trabalho de pesquisa foi desenvolvido utilizando-se da análise presente na trama do filme referenciado, em conjunto com as leituras bibliográficas sobre a ação do cinema na História. Além disso, utilizou-se um conjunto de obras dedicadas ao tema racial no Brasil (com foco no período escravocrata) e à formação da cultura brasileira e da identidade nacional, a fim de desmistificar a construção dessa identidade, tal qual representada no cinema e em outras formas de produção cultural. No mais, é feita a busca pelas figuras que “Vazante” aponta como representativas do imaginário histórico brasileiro.

Metodologia

Esta pesquisa qualitativa de cunho exploratório, em sua metodologia, tem como base uma revisão bibliográfica constituída pela análise fílmica do longa-metragem “Vazante” (2017), além da aplicação de uma breve menção retirada de uma entrevista com a diretora Daniela Thomas, e com a utilização das leituras de “Cinema e História” de Marc Ferro, para a compreensão do uso do Cinema enquanto ferramenta na representação da História. A respeito da escravidão e das relações sociais no contexto da colonização, tal qual apresentados no filme, foram utilizados “Negociação e Conflitos: a resistência negra no Brasil escravista”, de João José Reis e Eduardo Silva, e “Ser Escravo no Brasil”, de Kátia de Queirós Mattoso. Já “Cultura Brasileira e Identidade Nacional”, de Renato Ortiz, tem como finalidade a assimilação dos temas sócio-raciais referentes à construção do caráter da identificação nacional e cultural popular no Brasil.

Resultados

A obra cinematográfica “Vazante” (2017) apresenta-se como uma reprodução que busca em sua projeção certa fidelidade documental histórica, logo que são notados na opção estética pela cinegrafia em preto e branco, elementos que conduzem o espectador a sensação de outras produções semelhantes que remetem ao tema de “época”. De acordo com a diretora Daniela Thomas, esta revisitação ao passado é bem acentuada pela sonoplastia diegética, utilizando-se dos sons produzidos naturalmente, ambientado pelo cair da chuva, no canto dos pássaros, no ranger angustiante do carro dos bois, no barulho das correntes dos escravizados africanos recém-chegados, nos passos no chão de madeira, pontos que geram uma crueza própria da filmagem (CINÉFILOS ANÔNIMOS, 2017).

Posto isso, o filme se mostra cuidadoso em todas as suas representações imagéticas, não somente sobre o figurino, desenhado nos parâmetros de vestimenta próprios do cenário colonial, mas também sobre a atuação dos que convivem naquela grande fazenda. Nos atores, é observado principalmente uma comunicação corporal e ausência de diálogo. Nos momentos em que o silêncio transparece, utiliza-se o recurso do olhar como fala, na demonstração de interesse, curiosidade, desaprovação, ou preocupação - estas expressões transmitem aos que veem de fora a realidade daquela rotina arrastada.

Sendo assim, este direcionamento imerge o espectador naquele seguimento cotidiano e dá espaço para a interpretação de que todos os personagens, tanto os escravizados negros quanto os senhores brancos, têm uma personalidade única e carregam consigo anseios diversos. Ao incluir essa perspectiva, o filme se diferencia de outras reproduções conforme o círculo narrativo engloba todos os atores sociais nos contextos da senzala, da casa grande e do desbravamento das matas ainda desconhecidas, e ainda realiza o recorte racial de maneira não totalmente estereotipada, se preocupando na representação da escravidão e das diferentes formas de resistência a serem discutidas. A trama, segundo a diretora Daniela Thomas, tinha a intenção de apontar as forças do afeto, gerado pelo casal inter-racial principal, sobre a cultura daquela casa de engenho (CINÉFILOS ANÔNIMOS, 2017). Considerado dessa forma, o filme cria uma expectativa de que um amor tão puro pudesse transmutar as consequências daquele envolvimento.

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

Discussão

Diante dos aspectos filmográficos iniciais, examinam-se os pontos centrais acerca da trama, que em sua introdução nos apresenta a um tropeiro português e sua busca por uma nova esposa que possa lhe conceder filhos legítimos. Para analisar um filme, como historiador, é necessário tê-lo como um produto representativo, não só de uma significação cinematográfica, mas pela abordagem sócio-histórica que autoriza, além de averiguar os elementos da narrativa e cenário a fim de desvendar a sua realidade (FERRO, 1992). A apresentação da paisagem em “Vazante”, por exemplo, não foca no embelezamento do cenário, ou na exaltação das ricas matas; pelo contrário, demonstra a imensidão da localização no interior “selvagem”, ao passo que deixa claro a decadência das terras na carência da matéria-prima para exploração.

Conforme cita Ortiz (1986), os intelectuais do século XIX possuíam dificuldade em interpretar a realidade brasileira na literatura, e obras da época demonstravam que o encontro do branco português com o mulato resultava em uma “aclimatação” do europeu, tornando-o preguiçoso e desordeiro. A figura de Antônio (interpretado por Adriano Carvalho), por exemplo, ao mesmo tempo que se distingue desta leitura, apresentado como um homem forte, vigoroso e violento, expressão idealizada do grande senhor; também é visto por vezes deitado na rede ou se isolando na mata, de forma que leva à compreensão do espectador de que se houve um “abrasileiramento”. Não fica claro se efetivamente ocorreu uma acomodação, ou ainda se Antônio sempre segurou dentro de si um conflito interior, dando margem a essa caracterização.

Nesse sentido, é possível deduzir que o enredo da obra tem por função decompor determinadas ideias referentes ao imaginário colonial brasileiro, porém ainda ligadas ao romance. A análise da personagem Beatriz (interpretada por Luana Nastas) e sua mudança gradual na narrativa - de um comportamento infantil, brincalhão de uma doçura adorável para um posicionamento como senhora da casa grande após a primeira menstruação - expressa uma ingenuidade característica de sua idade, que só é modificada no momento posterior à consumação do casamento. Entretanto, pensar que ela não possui a mesma mentalidade de outras mulheres de seu convívio a coloca como um ponto fora da curva e atribui uma qualidade do período atual.

Por sua vez, os escravizados negros são representados de forma diversa, desde as mulheres que atuam na cozinha e que servem dentro da casa até os homens e a questão da resistência. O senhor, a fim de manter a dominância sobre o escravo, passava a utilizar de uma manipulação de caráter paternalista, concedendo uma identidade social ao indivíduo negro como serviçal e protetor da família (MATTOSO, 2016). A escrava Joana (interpretada por Geisa Costa), por exemplo, tem um caráter maternal, zela pela sinhá, penteia seus cabelos, lhe dá banho, auxilia em seu parto, e chega a compartilhar de seus lamentos, além de cuidar para que a senhora não veja a mucama Feliciano (interpretada por Jai Baptista) que atendia forçadamente aos desejos sexuais de Antônio durante a noite.

A trama nos orienta a pensar na escravidão para além do conceito de mão de obra do mercado colonial e das vertentes do escravizado trazido da África em contraste ao escravizado nascido como brasileiro, fruto da mestiçagem. Essa dicotomia fortemente empregada em nossa mentalidade coletiva separa as ideias que se tem sobre a resistência negra entre os escravos que chegavam ao Brasil e permaneciam irados e fechados, e os escravos que em poucos anos na terra, sendo ladinos “espertos”, negociavam com o branco por sua liberdade, criando assim uma série de sincretismos culturais perpetuados em nossa sociedade (REIS; SILVA, 1989). Em “Vazante”, este ponto destaca-se para o espectador, na situação da adaptação dos recém-chegados africanos que continuam falando em seu dialeto, diferente do comum Banto, e planejam fugir, em comparação ao escravo Porfírio (interpretado por Adilson Maghá) e Manuel (interpretado por Alexandre de Sena), que não se opõem diretamente às ordens do senhor de engenho e que não conseguem se comunicar com aqueles que chegam.

Contudo, a obediência se mostrou para o escravo como uma alternativa de sobrevivência e progresso na sociedade, ao passo em que se adaptavam a língua, religião e regras do branco, poderiam construir para si uma vida social na colônia (MATTOSO, 2016). Dessa maneira, a indicação das manifestações culturais dos escravos está explícita no filme nos atos de entoar os cânticos em sua língua original e no tocar dos tambores durante a festa de casamento dos senhores ou nos afazeres do cotidiano, exteriorizando a persistência de suas raízes e não a absoluta passividade.

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

Ainda de acordo com Mattoso (2016), o homem negro que não conseguia criar condições para se ajustar na sua liberdade, ou não se reconhecia em um grupo, acabava por confrontar a disciplina do trabalho, e entrava no âmbito das revoltas e punições corporais, enquanto vigiado pelo capataz incumbido de encaixá-lo na função. Neste contexto, pode-se verificar novamente um caráter dúbio na trama, em que a ação do líder africano (interpretado por Toumani Kouyaté) ao auxiliar Antônio ferido e retornar para a fazenda vem a ser interpretado como um ato estranhamente altruísta por seu captor, ou até mesmo como um sacrifício ao encarar a escravidão para preservar seus companheiros que conseguiram fugir. No entanto, este não consegue se “adaptar” na condição de escravizado e continua na recusa em obedecer, resistindo valentemente e enfrentando castigos, até cometer suicídio.

As questões das relações sociais sobre as atitudes do alforriado para com o escravizado são complexas, e permeiam sobre os pensamentos de solidariedade ou rejeição, companheirismo ou antagonismo na relação liberto-escravo, tendo em consideração sua vivência em um ambiente de dominância branca e contextos étnicos diversos (MATTOSO, 2016). O dilema do forro Jeremias (Interpretado por Fabrício Boliveira), que fora contratado para cuidar das terras e “amansar” o líder africano recém posto naquele cenário de violência e trabalho servil - é contornada pela demonstração de dominância sobre os outros escravizados, na exigência de um grau de sujeição às ordens do senhor de engenho e no agir com agressividade quando contrariado. Estes comportamentos geram uma ideia de que o alforriado parecia não se enxergar na mesma posição social enquanto uma pessoa negra, ainda que já tenha sido submetido a situação semelhante.

Em suma, como revisado nos parágrafos anteriores, o estudo do enredo da obra compreende os atores sociais como símbolos profundamente ligados ao imaginário popular do histórico brasileiro, ora pela visão popular da casa grande como progenitora da definição atual de Brasil; ora pela visão mais grotesca, da crueza da rotina de um passado colonial terrível, alimentado pelo sofrimento que gerou a escravidão. Esta dubiedade percebida várias vezes, também encontra-se no romance de Beatriz e Virgílio (Interpretado por Vinícius dos Anjos). A ingenuidade de Beatriz e sua conexão com a natureza, no andar descalço com os pés em contato com a terra, no dançar embaixo da chuva - reproduzem uma aspiração pela liberdade de um ideal idílico, visto também no prevalecimento da bondade quando é pega na traição, e dá de mamar para o filho da escrava Feliciano. Ao final, com o nascimento da criança mestiça, fruto do amor proibido entre os dois, não é possível escapar da cultura pregada sobre aquele ambiente, resultando na morte de Virgílio e um ponto final para a protagonista que não é totalmente esclarecido.

Conclusão

Portanto, a análise acerca da abordagem cinematográfica em “Vazante”, como recurso representativo do imaginário histórico, executa uma função verificativa do seu cunho documental enquanto uma produção cultural que explora os temas sócio-raciais relativos ao período colonial brasileiro.

Na metodologia, utilizou-se a análise fílmica da longa-metragem em conjunto a um trecho de uma entrevista com a diretora Daniela Thomas sobre sua produção, com adição das leituras relativas ao Cinema e seu uso na História, e a respeito da escravidão e as relações sociais no contexto da colônia. Além disso, foi empregada uma leitura para a compreensão da construção da identidade e cultura nacional.

Desse modo, foram averiguados na discussão os tópicos referentes aos atores sociais da trama, comparando as estruturas sociais que ocupam conforme os parâmetros da historiografia nacional, e para mais a interpretação de cada conduta na narrativa.

Por fim, a dubiedade identificada no filme, seja através de uma reconstrução mais fiel sobre a historiografia brasileira, mas que ainda alimenta determinados conceitos concebidos por outras produções de época; seja pelos comportamentos ambíguos das personagens, levando o espectador a uma interpretação imprecisa sobre as representações do passado, caracterizam a obra como uma exibição atual ligada ao caráter romântico. A desconstrução pretendida por este estudo, parcialmente concluída, confirma a necessidade de uma descolonização dos valores que segregam a identidade brasileira, contidos principalmente nos símbolos presentes nas produções culturais referentes à construção da nacionalidade, e que permanecem no consciente popular.

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

Referências

FERRO, M. **Cinema e História**. Tradução: Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

MATTOSO, de Queirós, M. Kátia. **Ser Escravo no Brasil: Séculos XVI-XIX**. Tradução: Sonia Furhmann. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2016.

ORTIZ, R. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

REIS, João José; SILVA, Eduardo. Entre Zumbi e Pai João, o escravo que negocia. In:_. **Negociação e Conflito: A resistência negra no Brasil escravista**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Referências Filmográficas

CINÉFILOS ANÔNIMOS. Vazante - Entrevista 2: Diretora Daniela Thomas e o roteirista Beto Amaral. YouTube, 28 de Novembro de 2017. Disponível em: <<https://youtu.be/7Fpkn9Ht-SY>>. Acesso em: 17 de Julho de 2023.

VAZANTE. Direção: Daniela Thomas. Produção: Beto Amaral, Sara Silveira, Maria Ionescu. Brasil: Europa Filmes, 2017.

Agradecimentos

Agradecimentos direcionados a Orientação do Professor Felipe Victor Lima, Doutor em História Social, com seu apoio e direcionamento, essenciais para a construção deste artigo.